

CICLO DE OFICINAS RODA DE SABERES RELATÓRIO DE TERTÚLIA

A responsabilidade no olhar sobre o sofrimento alheio



FACILITADORES DA SESSÃO

Rita Campos, Ana Teixeira de Melo e Patrícia Silva

INFORMAÇÕES GERAIS

Número total de participantes: 16 participantes (incluindo 3 facilitadoras)

Data: 9 de Janeiro de 2020

Duração: 120 min

Hora início: 10:00

DESCRIÇÃO GERAL DA SESSÃO

As facilitadoras deram as boas vindas aos presentes, fazendo, de seguida, uma breve introdução de contextualização sobre o propósito e enquadramento das tertúlias, integradas no Ciclo de Metodologias Roda de Saberes.

A dinâmica geral da sessão seguiu uma metodologia proposta pela facilitadora Ana Teixeira de Melo, descrita em Melo (2020a e baseada em trabalhos (Caves & Melo, 2018; Melo, 2018, Melo, 2020b) e experiências anteriores de facilitação de debates interdisciplinares (Melo & Caves, 2019). O método pressupõe uma organização relacional de um pensamento complexo e propõe estratégias para apoio à construção de movimentos relacionais de pensamento e de diversificação de perspectivas como processos de base para a emergência e integração de novas ideias no debate. Usaram-se o Relatoscópico e Observatrão como ferramentas de apoio. Apresentou-se aos participantes o protocolo proposto para a facilitação do debate baseado nesta metodologia.

A primeira parte da tertúlia organizou-se em 3 andamentos. Iniciou-se com uma reflexão individual relacionada com o tema da tertúlia, após a qual os/as participantes foram convidados/as a partilhar uma ideia-âncora (uma ideia de base suscitada pelo tema da sessão), fixando-a no Relatoscópico. Neste momento, cada participante apresentou-se a si e à sua ideia. Os segundos e terceiros andamentos consistiam na realização de movimentos intencionais de pensamento- previamente apresentados aos participantes, num total de 6 opções- e um movimento relacional aleatório, relacionando duas ideias previamente apresentadas, determinadas por dados. Estes movimentos foram repetidos em sequência durante toda a primeira parte, com o envolvimento de todos/as os/as participantes, permitindo a emergência de novas relações, ideias, abordagens, perspectivas e/ou soluções a partir das partilhas, reflexões e diálogos. Os movimentos de pensamento que foram produzidos e ensaiados durante o debate fizeram-se

acompanhar de registos escritos e de movimentos e relações marcadas com fios no Relatoscópico (cf. Imagem 1).

No decurso do primeiro andamento da tertúlia, os convidados partilharam as suas ideias-âncora (a partir das quais o debate se desenvolveu) relacionadas com os seguintes tópicos:

- O sofrimento ético-político e o domínio dos afetos; a metodologia sócio-poética como forma de lidar com o sofrimento e devolver algo à população investigada: ex. pesquisa com catadores/as de material reciclável
- O Sofrimento apresentado como objeto estético: para fruição de observadores privilegiados empoderados; representações como espetáculo; elicitar compaixão? Como abordar e interpretar o posicionamento face a este sofrimento e a sua exposição (ex. World Press Photo)?
- Crianças em contextos de sofrimento familiar: investigar características das famílias e as origens da violência A escola como espaço de sofrimento; metodologias participativas no contexto escolar; fronteiras do outro e do eu; espaço comum; como pesquisar?
- Conflito entre necessário vs eletivo no contexto do parto; violência obstétrica e as situações de partos desumanizados; o papel de um posicionamento feminista e a escolha da mulher vs escolha médica;
- Interação entre o sofrimento de quem sofre e de quem pede ajuda e de quem necessita. casamento forçado e uniões de menores (Moçambique); como pode o/a investigador/a oferecer ajuda?
- Assistência: escuta qualificada sobre o sofrimento alheio
Pesquisador perante o sofrimento alheio: ciência crítica aplicada, extractivista?
- O diálogo sobre olhares é possível: relacionado com a comunicação dialógica, gestos
- Implicações éticas e políticas da responsabilidade social: ex. “testemunho”; empatia vs discurso salvacionista; instrumentalização do pesquisador;
- Processo de investigação: o que se oferece de relevante? O que se oferece de terapêutico no processo de investigação e que limites?? O que pode ser feito pela Ciência. Fazemos pouco?
- Doença: limites da parcialidade e imparcialidade; o que é compartilhado?

Nos andamentos seguintes os/as participantes foram convidados/as a realizar movimentos de pensamento que visavam ampliar, desenvolver e enriquecer as ideias-âncora e/ou relacioná-las, explorando padrões e ideias emergentes destas relações. As ideias emergentes, de natureza integradora ou inovadora foram registadas e incluídas no relatoscópico como novas ideias âncora. Foram elaborados movimentos de integração sucessiva das ideias, enquanto algumas ideias foram sendo desenvolvidas ou apresentadas mas de forma menos integrada.



Figura 1. Imagem do Relatoscópio numa fase final da tertúlia
Destes movimentos relacionais de pensamento e da sua integração resultaram algumas ideias emergentes ou integradoras organizadas em torno dos seguintes temas:

- *Poder e sofrimento*, dinâmicas, intervenção, acesso; imperialismo e dominância de saber; os discursos salvacionistas vs empatia problemas da instrumentalização da pesquisa e das questões éticas (quem determina o que é adequado, o que protege; quando se negociam consentimentos e em que termos); o reconhecimento; sobre uma ética política;
- *Gestão de emoções e da objetividade/subjetividade*: simpatia vs empatia; rigor vs afetos e emoções; “A emoção não compromete o rigor da pesquisa”
- *Gestão do sofrimento do investigador perante situações de sofrimento?* E as expectativas dos sujeitos em sofrimento sobre os quais recai a investigação;
- *A hierarquização, valoração e legitimação do sofrimento*: É possível valorar, hierarquizar? Há sofrimentos invisíveis e invisibilizados? Há um sofrimento social (determinado socialmente-e.g. desigualdades e vulnerabilidades sociais-e construído socialmente-e.g. nos discursos e prática; transformação da representação do sofrimento alheio em objeto de fruição social)? Onde fica a escolha pessoal face ao sofrimento? Onde fica o direito ao sofrimento face à

“Tiranía” da Felicidade compulsória? Qual o papel da empatia/simpatia (Richard Sennet)? Como o acesso (poder) a determinado tipo de informação se relaciona com o sofrimento?

- *Compromisso e reconhecimento perante o sofrimento*: ético, político; nos métodos empáticos, não-extrativistas: entrevista por escuta qualificada (mas quem qualifica e determina o que é qualificado e quem está, de facto, qualificado para lidar com o sofrimento?); observação participante; qual a postura?; como se deixar afetar pelo sofrimento? que posicionamento face aos discursos que dicotomizam a objetividade vs subjetividade e apelam à neutralidade?
- *Formação para a investigação (face ao sofrimento)*; baseada na reflexão sobre melhores práticas; Que formação é necessária?
- *Onde se situa a responsabilidade? Qual a natureza da responsabilidade?* Quem determina? Como se pratica e com quem? Que realidades construímos com as perguntas que colocamos e como?
- *Investigação para transformar*: pesquisa coletiva, colaborativa; de extensão; como se pratica? Com quem? O que é possível construir juntamente com (e.g. papel do artesanato na transformação de narrativas)? Como estimular o diálogo pesquisa-extensão?
- *Critérios éticos*: revisão ética, renegociação; devolução; acesso à informação; *E a proteção?* Qual o papel dos Comitês de Ética e que limitações? Que lugar para um processo contínuo de (re)negociação da relação com o/a participante na investigação (vs consentimento informado único) e as limitações dos consentimentos informados e das orientações éticas definidas; O que protegem as nossas práticas? E quem? Em que medida se criam ilusões de proteção com medidas de proteção ética pré-determinadas quando o processo de investigação é (na realidade prática) evolutivo?;
- *O papel da Ciência de 2ª ordem*: crítica, auto-reflexiva, relacional negociável, qualificável; a desconstrução e re-análise da ciência; as guerras de narrativas: como informamos a sociedade? Quem tem o poder para determinar que resultados devolver e como? Como comunicamos e para quem?; A necessidade de rever procedimentos; as limitações e possibilidades de transformação da cultura científica: como praticar uma ciência diferente, alternativa, como transformar?; Como lidar com o imperialismo do saber vs construir roteiros de investigação partilhados? Como transformar práticas e que relação com a capacidade de trabalho coletivo de comunidades de investigadores? Qual o lugar para a apreciação do trabalho coletivo (alternativo) que é realizado? Apreciar a pesquisa em todas as suas etapas como pesquisa coletiva; Como transformar o sistema científico para acomodar práticas diferentes de gestão da responsabilidade (partilhada)?

No final da sessão discutiu-se “o que fazer” com as ideias debatidas. Os temas deram origem a uma discussão sobre o tema da próxima tertúlia.

REFLEXÕES, QUESTÕES, DESAFIOS E NOVAS PROPOSTAS EMERGENTES

Convidou-se o grupo a votar num tema sobre o qual o grupo se poderia debruçar de seguida, tendo-se chegado a consenso em torno do tema “A complexidade da relação entre poder, investigação e prática”.

Discutiu-se a possibilidade de se continuar um processo de co-construção de ideias e de, defendendo uma ciência colaborativa, se criarem documentos partilhados que pudessem ser trabalhados coletivamente em torno dos temas levantados na tertúlia.

Surgiu a ideia de que este documento poderia desempenhar alguma função e ser comunicado mais amplamente ou dar lugar a um “Manifesto”.

Algumas/uns participantes mostraram interesse em dar continuidade a diálogos livres e criativos além da tertúlia.

Uma das participantes (Sueli de Lima Moreira), motivada e inspirada pela tertúlia, preparou o seu próprio Manifesto que se anexa a este relatório.

AVALIAÇÃO

Foram recolhidos dados de avaliação da sessão de 13 participantes, através de um inquérito administrado no final da sessão. Numa escala de 1 a 5, correspondendo 1 à avaliação mais negativa e 5 à avaliação mais positiva, em média, as/os participantes avaliaram de forma muito positiva a sua satisfação geral com a estrutura e dinâmica da sessão (4,77), a pertinência dos conteúdos (4,92), o equilíbrio entre a partilha pessoal e a discussão conjunta (4,77) bem como a satisfação com a adequação e natureza dos exercícios de facilitação da discussão (4,92). Relativamente à avaliação das participações, em média, as/os participantes avaliaram de forma muito positiva o desempenho das facilitadoras (4,85), o contributo do grupo (4,85), bem como os diálogos, discussões e reflexões geradas na sessão (4,77). A maioria das/os participantes expressou interesse em participar noutras tertúlias (4,9), recomendando a sessão a outros (5).

Em termos de avaliação qualitativa, os comentários livres à sessão realçaram:

- “o espaço generoso e acolhedor para o pensamento crítico e reflexivo”
- que “o tempo apesar de pequeno foi suficiente devido à organização eficiente”
- que “a metodologia adotada permitiu uma discussão ativa e rica sobre o tema de forma dinâmica e inovadora” e, por isso, foi considerada “fundamental para expandir alguns conceitos e metodologias de trabalho”
- “como as diversas abordagens auxiliam o processo de elaboração de uma metodologia colaborativa” pelas investigadoras
- a novidade do “tema e metodologia”, que proporcionaram a uma formadora a “ocasião para repensar a metodologia de formação para grupos sociais (a nível da base) de formação de formadores”

- Um ponto forte identificado foi a “interdisciplinaridade”. Como vulnerabilidades foram apontadas: “a hegemonia das ciências sociais” e o “regresso aos estudos de caso concretos em detrimento da conceptualização mais vasta”.

Os comentários para melhoramento consistiram em:

- “Poderia ser dedicado mais tempo inicial à explicação do método para que o preenchimento dos instrumentos fosse melhor compreendido para todos. Assim a identificação dos macro-temas e demais ideias poderia ser feita de forma mais compartilhada entre as dinamizadoras da sessão e demais.”
- “Respeitar o tempo de fala da dinâmica para igualdade na partilha.”
- “Aumentar o número de horas das tertúlias se possível.”

Foram apresentadas as seguintes sugestões:

- “Compartilhar textos/referências citadas” [com esse fim foram incluídas no relatório]
- “O que fazer com o que foi feito hoje? Gostaria que esta sessão continuasse para ampliação do tema sobre o sofrimento.” [procurando ir ao encontro desta sugestão, a tertúlia seguinte vai dar continuidade a questões da anterior]
- “Sugiro que para as próximas pudéssemos compor materiais que poderíamos levar connosco para além das anotações e apontamentos” [com esse fim em vista, as participantes foram convidadas a contribuir com reflexões: uma das participantes na tertúlia redigiu um manifesto que está apenso ao relatório]
- “Já discutimos este ponto de como avançar esta tertúlia e a forma de elaboração final do relatório” [pontos discutidos/acordados no final da tertúlia]
- “Exploração e partilha de metodologias ativas”
- “Empoderamento é dar "poder". Por vezes ultimamente tem havido uma romantização e uso abusivo deste termo como se só existisse um lado. Por isso sugeria um tema como: hipocrisia do empoderamento ou ética do empoderamento – quem e porque razão dá poder ou empoderamento pode ser nefasto?” - este tema proposto por uma participante será abordado na próxima tertúlia, cujo tema acordado no final da tertúlia é, “A complexidade da relação entre poder, investigação e prática”.

PRODUÇÃO E VALIDAÇÃO DO RELATÓRIO

Data de elaboração do relatório: 13 de Fevereiro de 2020

Relatório produzido por: Rita Campos, Ana Teixeira de Melo e Patrícia Silva

Relatório validado pelos facilitadores: Sim

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / RECURSOS CITADOS

- CAVES, L., Melo, A.T.: (Gardening) Gardening: a relational framework for complex thinking about complex systems. In: Walsh, R., Stepney, S. (eds.) *Narrating Complexity*, pp. 149–196. Springer, London (2018)
- DINIZ, Debora. *Cadeia: relatos sobre mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015
- GIORDANO, Cristina. Práticas de tradução e a construção de subjectividades migrantes na Itália contemporânea. In: Lechner, E. (org.) *Migração, saúde e diversidade cultural*. Lisboa: Instituto Ciências Sociais, 2009. pp. 137-173
- MELO, A. T. Método de pensamento relacional complexo para facilitação da emergência e integração de ideias em debates, tertúlias e outros encontros dialógicos. v2.pt.2020. Doi: 10.13140/RG.2.2.21504.38409 (2020a).
- MELO, A. T.: Performing complexity. Building foundations for the practice of complex thinking. Springer, Cham (2020b) [Accepted for publication]
- MELO, A.T.: Abducting. In: Luria, C., Clough; P., Michael, M., Fensham, R., Lammes, S., Last, A., Uprichard, E. (org.) *Routledge Handbook of Interdisciplinary Research Methods*, pp. 90–93. Routledge (2018)
- MELO, A. T. & CAVES, L. Relational thinking for emergence methodology v1. doi: 10.13140/RG.2.2.30469.70881 (2019).
- MIURA, Paula Orchiucci and SAWAIA, Bader Burihan. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. *Psicologia e Sociedade* [online]. 25: 2, pp.331-341, 2013 (Acessado 16 jan. <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/10.pdf>)
- SENETT, Richard. *Together: The Rituals, Pleasures, and Politics of Cooperation*. New Haven, CT: Yale UP, 2012
- SOLOMON, Andrew. *Far From the Tree: Parents, Children and the Search for Identity*. New York.: Scribner, 2012
- SONTAG, Susan. *Regarding the Pain of Others*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2003
- . *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- . *Olhando o Sofrimento dos Outros*. Lisboa: Quetzal, 2015

ANEXO 1

Manifesto produzido por Sueli de Lima Moreira após a sua participação na tertúlia, e por ela inspirada

MANIFESTO POÉTICO POR OUTRAS CIÊNCIAS

Sueli de Lima Moreira

limamoreirasueli@gmail.com

Precisamos da poesia para nos auxiliar nas nossas inquietações por outras metodologias de investigação científica?

Por que a ciência que nos formou (e hoje estamos a formata-la) nos intimida e nos vigia ao invés de nos encorajar na aventura por novas perguntas?

Aprendemos que o cuidado epistemológico é um dos distintivos mais perseguidos pelos “grandes cientistas”. Toda a tradição positivista busca controlar cientistas ao conduzi-los por caminhos predeterminados em busca de *uma* resposta certa.

Mas os mundos contraídos e planificados não suportaram esta condição.

Manifestaram-se.

Complexizaram -se.

E a realidade não coube no método.

...”saber implica, antes, saber o que ainda não se sabe, porque o que não se sabe é sempre a maior parte do saber...”.

Inconformados e curiosos experimentamos os saltos dialéticos e voamos por espaços surpreendentes num mundo contraditório, insubmisso a tudo.

Queremos a aventura, o risco dentro do campo científico?

Podemos?

SIM.

Chegamos no Manifesto Surrealista de 1924 no qual André Breton questionava as condições excessivamente racionais de fazer arte e buscava o desenvolvimento de uma “técnica” que o auxiliasse no desenvolvimento de *outras* produções artísticas. Queriam romper a barreira da lógica e criaram o “automatismo psíquico”, uma método que buscava o acesso direto as forças autênticas e profundas de cada indivíduo antes que a censura e a razão desse forma ao conteúdo. Acreditavam que a lógica seria responsável pelo acesso aos problemas secundários da humanidade e por isso buscavam uma surrealidade.

Nós hoje nas Ciências Humanas talvez nos encontremos em condições semelhantes. Diante de um mundo em vertiginoso processo de mudança, ainda nos encontramos em busca de *uma verdade* que possamos comprová-la através de investigações assépticas, sem que estejamos *comprometidos* ou *implicados*. Sim, isto já foi superado por muitos investigadores (seríamos obedientes à linguagem científica se pudéssemos citá-los aqui – deveríamos?) mas no fundo de nossas concepções identitárias (talvez marcadas pelas avaliações de nossos pares “rigorosos”, como soldados em campos de batalha, onde a ordem é abater o inimigo) também somos capturados pela dúvida: o que faço é ciência?

Desde sempre são tantos relatos de perseguições a cientistas inconformados, suportaríamos conosco?

Sim, talvez em trabalhos coletivos, em diálogos solidários, marcadamente desconcertantes para a formação que tivemos. Ou seja, para fazermos uma outra ciência precisamos desaprender a ser quem somos. Como no Manifesto de Breton: surrealizar nossa compreensão de nós mesmos na direção de outras condições.

Ou, penso, talvez seja ainda mais simples: o que vale em ciência é o que a comunidade aceita. Este MANIFESTO é um convite para aceitarmos as provocações de nossas realidades complexas e avançarmos juntos, colaborativamente, em direção ao que nos desafia.

Sueli Lima Moreira

Professora Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Roda de Saberes – Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra

Janeiro de 2020